

OPÇÃO PELAS APROXIMAÇÕES

Entrevista com **Henryk SIEWIERSKI**, por **João Vianney Cavalcanti NUTO**

JOÃO VIANNEY CAVALCANTI NUTO: Além das traduções na antologia *Quatro poetas poloneses*, feitas a quatro mãos com José Santiago Naud, e uma seleção de poemas de Czesław Miłosz, *Não mais*, com Marcelo Paiva de Souza, você é responsável, como editor, pela publicação de poemas de umas três dezenas de autores da Europa Centro-Oriental, vários pela primeira vez, em língua portuguesa: na coleção Poetas do Mundo, que você dirigia, saíram livros de Miodrag Pávlovitch e de Lucian Blaga, e na revista *Aproximações* encontramos, entre outros, poemas de Andre Ady, Tomas Venclova, Ossip Mandelstam, Vasko Popa, George Gömöri, Wislawa Szymborska, Aleksander Wat, Zbigniew Herbert, Ana Akhmátova, Vladimir Holan, Mircea Dinescu, Ivar Ivask, Attila József, Stepán Sapelák, Vítězslav Nezval, Blaže Koneski. Houve então um projeto que orientava essas traduções e publicações? Como e quando elas começaram?

HENRYK SIEWIERSKI: Quando no início dos anos oitenta saí da Polônia para lecionar na Universidade de Lisboa, percebi como era grande a ausência dos autores do outro lado da chamada cortina de ferro em língua portuguesa. Resolvemos, com os meus alunos do curso de polonês, “descortinar” um pouco, traduzindo alguns poetas poloneses, e o resultado foi uma pequena antologia mimeografada. Depois surgiu uma idéia de uma revista destinada à publicação das traduções dos autores daquela “outra Europa”, bem como dos diversos textos sobre a história e a cultura de seus países. Foi uma revista mensal, xerocopiada, muito simples, mas independente, redigida com um grupo de amigos incentivados pelo professor Agostinho da Silva. O nome era *Aproximações: Europa de Leste em Língua Portuguesa*. A partir do ano de 1986, quando vim a Brasília a convite da Fundação Nacional Pró-Memória, a revista ganhou vários colaboradores e leitores brasileiros e, além do boletim mensal, tornou-se possível publicar um “Suplemento” anual impresso que reunia os textos elaborados ao longo do ano.

J. V. C. N.: O objetivo da sua vinda ao Brasil era dar a continuidade a esta publicação no nosso país, ampliá-la?

H. S.: O objetivo principal era conhecer o Brasil, estudar a sua literatura e cultura e colaborar com a Fundação Pró-Memória num projeto de pesquisa relacionado com comunidades eslavas no Sul do Brasil. A edição das *Aproximações* era uma atividade complementar que chegou a me envolver bastante, na medida em que se ampliava o círculo dos colaboradores, pessoas interessadas em traduzir e escrever os textos. Tive a sorte de conhecer naquele tempo Paulo Rónai, Aleksandar Jovanović, Judith Cortesão, Tomasz Lychowski, Wira Selanski, Julia Carâp, Olympio Serra, Rubem César Fernandes, José Santiago Naud, Fernando Mendes Vianna, entre outros, que abraçaram a idéia dessas *Aproximações* e contribuíam com os seus textos e traduções.

J. V. C. N.: Porque a revista não teve vida mais longa e deixou de sair quatro anos depois da sua introdução no Brasil, justamente em 1990, logo após a queda do Muro de Berlim e as mudanças democráticas na Europa Centro-Oriental?

H. S.: *Aproximações* foi na verdade uma revista em organização, *in statu nascendi*, ainda sem uma estrutura institucional, um projeto movido pelo sonho de contribuir para a aproximação das culturas, desafiando os preconceitos e o controle ideológico e político nas relações culturais naquele tempo com os países do assim chamado leste europeu. Com a abertura que houve após a queda das ditaduras naqueles países, achei que o projeto havia cumprido o seu papel simbólico e que na nova situação as relações culturais com aqueles países, tão diversos em suas heranças e perfis culturais, ganhariam uma nova dinâmica e nova qualidade.

J. V. C. N.: Com os 28 números mensais e quatro Suplementos anuais essa contribuição não foi tão simbólica. Na seleção dos textos e autores publicados nas *Aproximações* houve uma preferência pelos dissidentes ou os mal vistos pelas autoridades?

H. S.: De modo algum. Mas eles não eram excluídos, tanto mais que justamente a poesia e a prosa dos “mal vistos” pelas autoridades e inconformados com a situação política representava o que geralmente era mais vivo e original naquele tempo nas literaturas da Europa Centro-Oriental. Na seleção dos textos não o que decidia não eram as opções políticas, a opção que houve era pelas aproximações no amplo sentido da palavra. Não foram só os autores contemporâneos que foram traduzidos, saíam também os poemas dos clássicos como Mihai Eminescu ou Taras Chewtchenko. A poesia

popular também estava presente, como no caso de uma balada da Transilvânia traduzida do húngaro pelo Paulo Rónai. Além disso, houve textos de prosa e ensaios sobre os mais variados temas.

J. V. C. N.: Eram traduções inéditas ou também se reeditava o que já tinha sido traduzido antes?

H. S.: Eram muito poucas as traduções reeditadas. Só em alguns casos em que o acesso às traduções já publicadas era difícil. Foi o caso das traduções dos poemas de Wisława Szymborska, feitas por Ana Cristina César e Grażyna Drabik ou de poemas de Mihai Eminescu traduzidos por Vitor Buesco e Carlos Queiroz.

J. V. C. N.: Os poemas publicados na revista eram traduções diretas? Quem eram os tradutores?

H. S.: O objetivo era publicar traduções diretas e assim, por exemplo, Aleksandar Jovanović traduzia das línguas da antiga Iugoslávia, Wira Selanski do ucraniano, Julia Carâp do romeno, Paulo Rónai do húngaro. Raramente, na dificuldade de se achar um tradutor de uma língua (por exemplo, a lituana) recorria-se a uma tradução indireta. Assim a poeta Yolanda Jordão fez uma bela tradução de poemas de Tomas Venclova, a partir da versão inglesa, mas foi uma versão recomendada pelo próprio autor. Houve também traduções diretas a quatro ou mais mãos. Uma experiência extraordinária foi a tradução dos poemas de Vasko Popa, poeta sérvio, que fizemos em grupo, com alunos da UnB reunidos com o próprio poeta, quando em abril de 1987 ele veio a Brasília. Nenhum de nós sabia o servo-croata, nem ele sabia português. Mas as outras línguas de contato, o inglês, o russo e a linguagem não verbal nos permitiram traduzir vários poemas numa espécie de *happening* bem divertido.

J. V. C. N.: Até que ponto as traduções a quatro mãos ou em grupo podem ser consideradas traduções diretas?

H. S.: As situações podem ser diferentes conforme o grau de conhecimento da língua do original e da língua de chegada pelos parceiros da tradução, mas não menos importante é o grau de sua determinação e de sua criatividade nesse processo de superar os obstáculos linguísticos e as diferenças culturais. Além disso, nesse tipo de tradução há um ganho adicional, que é o próprio encontro. A tradução acontece porque as pessoas se

encontraram com a finalidade de dar a um poema a chance de nascer também em outra língua. Eu acredito que uma tradução dessas pode ser não menos direta, não menos vivida do que o trabalho de um só tradutor.

J. V. C. N.: Você poderia citar alguns dos poemas traduzidos nas *Aproximações* que nasceram nesses encontros?

H. S.: Um poderia ser o poema de Vasko Popa traduzido no encontro com o poeta de que eu estava falando. Logo no início ele nos disse que durante o voo a Brasília escreveu um poema dedicado a esta cidade. E foi este o primeiro poema que juntos traduzimos, “O monumento ao oxigênio”, que foi publicado no Suplemento 2 de *Aproximações* (1988):

Um certo vento rubro me trouxe
A este país de peitos largos
De cujo coração brotou
A árvore da vida de verdes olhos

Ao respirar ela alimenta
Estrela exânime

Receio os monumentos erguidos aos grandes fantoches
Equipados com armas frias ou quentes
E até invisíveis

Lugar algum me deu o contentamento
De um monumento ao oxigênio

Armado com folhas
Com flores com frutas
E outras verdades maduras

J. V. C. N.: Existe também tradução deste poema feita pelo Haroldo de Campos.

H. S.: Sim, porque depois Vasko Popa foi a São Paulo, onde se encontrou com seus amigos e Haroldo de Campos fez uma “transcrição” deste poema em colaboração com o poeta. Ela saiu publicada no livro *Ossos a ossos* de Vasko Popa, organizado por Aleksandar Jovanović. Vale a pena comparar:

um vinho rubro-terra me destina
a este país-braços-abertos
do coração do qual frondeja
a árvore da vida de olhos verdes

respira e assim anima
— exânime — uma estrela

me aterrorizam monumentos
grandes fantoches sobreerguidos
com frio e fogo e outras — invisíveis — armas

em parte alguma jubilou-me
um monumento ao oxigênio

todo armado de folhas
de flores e de frutos
e de outras verdades maduras

J. V. C. N.: A primeira tradução parece mais se prender ao original do que a outra, mas elas não se contradizem, são como a mesma melodia tocada em dois registros diferentes.

H. S.: Um exemplo de tradução em parceria que não se prende ao original e alça voos altos de recriação ou transcrição poderia ser um poema de Ossip Mandelstam traduzido pelo Agostinho da Silva e publicado no primeiro número do Suplemento das *Aproximações* (1987). É um dos meus poemas prediletos e quis incluí-lo na revista. Sabendo que o professor Agostinho estudava russo, propus a ele que o traduzisse, apresentando-lhe uma tradução filológica, ao pé da letra, mas também uma leitura que realçasse o ritmo, a melodia, o rima e outros dos seus valores poéticos. O resultado foi surpreendentemente fiel ao original, mas ao mesmo tempo tão independente, tão autoral, que resolvi não colocar o meu nome como cotradutor. É um poema sem título, escrito em 1909:

Corpo meu que me foi dado
para respirar, viver,
como é que eu hei-de usar,
como hei-de agradecer?

É ele a flor maravilha,
dele sou eu jardineiro,
nesta prisão cá da terra
já não sou prisioneiro.

No vidro da eternidade
deixa meu bafo um desenho,
no passar de todo o instante,

o que dura nele tenho.

J. V. C. N.: No *Suplemento 2* há uma tradução de um poema de Vladimír Holan, poeta tcheco, assinada por você e Alexander Tomský. O título do poema é “Ressurreição” e é dedicado a Stanislav Tedníček:

Será que depois dessa vida nos acordará um dia
o terrível gemido das trombetas e fanfarras?
Perdoa-me, ó Deus, mas eu me consolo
que o início da ressurreição de todos os defuntos
seja anunciado simplesmente pelo canto do galo...

Depois ficaremos ainda um pouco deitados...
Quem se levantará primeiro
será mamãezinha... Vamos ouvir
como silenciosamente ela atíça o fogo,
como silenciosamente põe a água no fogão
e tira com carinho o moinho de café do armário.
Vamos estar de novo em casa.

Como foi esta parceria?

H. S.: Em janeiro de 1988 visitei Alexander Tomský na sua casa em Purley, perto de Londres, que era ao mesmo tempo a editora “Rozmluvy” (em português “Conversas”), uma das mais importantes editoras tchecas independentes, que ele dirigia. Era uma casa cheia de vida, do barulho das crianças, de livros espalhados por todo lado, pacotes de livros prontos para serem contrabandeados para a Tchecoslováquia; na mesa a que sentamos havia um monte de manuscritos vindos clandestinamente do seu país. A conversa foi sobre a literatura e a cultura na Tchecoslováquia, sua situação dramática e sua resistência naquele tempo. Falamos também de poesia e Alexander trouxe um livro de Vladimír Holan, um dos maiores poetas tchecos do século XX, e começou a ler poemas. Pensei que aquela poderia ser também a ocasião de tentarmos traduzir pelo menos um deles. Nem ele sabia português nem eu sabia suficientemente tcheco, que para mim é apenas uma língua familiar; mas sem a sua leitura, seus comentários e explicações, a minha compreensão do poema que escolhemos seria pobre demais para eu poder ousar uma tradução.

J. V. C. N.: A tradução entre línguas de culturas relativamente distanciadas envolve dificuldades que não são apenas de ordem linguística. No caso específico de suas traduções de poesia polonesa para o português do Brasil e da poesia brasileira para o polonês, que tipo de dificuldades você teria para comentar no que diz respeito aos contextos culturais diversos?

H. S.: Traduzimos textos e não contextos. É indispensável, sim, o conhecimento dos ambientes culturais da obra traduzida pelo tradutor. Uma boa tradução deveria aproximar o leitor desses ambientes, despertar o seu interesse pela diferença, abrir o caminho em direção do outro; mas o leitor tem que fazer a sua parte, precisa ser parceiro tanto do autor como do tradutor, ir ao encontro também do que é intraduzível. Obviamente, há uma estreita relação entre a língua e a cultura. A língua não é um sistema abstrato. Mas não vejo a diferença cultural como dificuldade para tradutor. As principais dificuldades vêm das diferenças de caráter linguístico. Falando das diferenças culturais entre o Brasil e os países da Europa Centro-Oriental, acho que elas são muitas vezes exageradas. O fato de em certas épocas os seus Estados terem sido sequestrados por vários impérios e, nos últimos tempos, separados da parte ocidental do continente pela “cortina de ferro”, não quer dizer que não fazem parte integral, como o Brasil, da civilização ocidental, tanto mais integral porque limítrofe, porque mais próxima às outras culturas.

J. V. C. N.: Que tal mais um poema das *Aproximações* para assim encerrar a nossa conversa?

H. S. Boa idéia. Você poderia escolher?

J. V. C. N.: É difícil ter que escolher só um, mas assim escolho um dos que mais me emocionaram. É um poema do já citado poeta sérvio Vasko Popa, “Pão do poeta”, publicado no Suplemento 2, em tradução de Ana Wojtowicz. O poema foi escrito em Buenos Aires, em 1987, e fala dos dois encontros que Vasko Popa teve com Jorge Luis Borges:

Apenas nos conhecemos

Dom Jorge Luis me perguntou
Como se dizia “pão” em minha língua

Juntava talvez alimentos
De todos os meridianos
Para algum novo poema faminto

Ou queria sentir em seus lábios
O gosto da crocante palavra eslava

Quando depois de muitos anos
Voltamos a encontrar-nos em alguma parte
Repetiu triunfante a palavra

Tinha o rosto iluminado do homem
Que havia olhado a áurea moeda oculta
No miolo de um pão universal.

Referências bibliográficas

- BLAGA, Lucian (2005) *A grande travessia*. Seleção tradução e introdução de Caetano Waldrigues Galindo. Coleção Poetas do Mundo. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- MIŁOSZ, Czesław (2003) *Não mais*. Tradução e introdução de Henryk Siewierski e Marcelo Paiva de Souza. Coleção Poetas do Mundo. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- MIŁOSZ, Czesław, RÓŻEWICZ, Tadeusz, SZYMBORSKA, Wisława, HERBERT, Zbigniew (1994) *Quatro poetas poloneses*. Tradução e prefácio Henryk Siewierski e José Santiago Naud. Curitiba: Secretaria do Estado da Cultura.
- MIŁOSZ, Czesław, RÓŻEWICZ, Tadeusz, SZYMBORSKA, Wisława, KRYNICKI, Ryszard, HERBERT, Zbigniew (1985) *Versos polacos*. Tradução de Maria Teresa Bação Fernandes, Filipa Menezes, Maria Clara Correia, Carlos Santos Pereira, Henryk Siewierski. Lisboa: Faculdade de Letras.
- PÁVLOVITCH, Miodrag (2005) *Bosque da maldição*. Seleção e introdução de Aleksandar Jovanović. Coleção Poetas do Mundo. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- POPA, Vasco. *Osso a osso* (1989) Tradução, organização e notas de Aleksandar Jovanović. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo.



Apêndice

Aproximações: Europa de Leste em Língua Portuguesa, Brasília: Lisboa, No. 1-4, 1987-1990. Relação dos poemas publicados:

Número 1: 1987

Czesław Miłosz, *Sortilégio*. Trad. de Carlos Santos Pereira / 17

Taras Chewtchenko, *O barco*. Trad. de Wira Selanski / 18

Mihail Eminesco, *De centenas de navios*. Trad. de Victor Buesco e Carlos Queiros / 19

Ossip Mandelstam, *Corpo meu...; Oh quanto quero eu voar...* . Trad. de Agostinho da Silva / 20

Ana Akhmátova, *Não me importa...* . Trad. de Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman / 21

Edvard Kocbek, *Fim do jogo*. Trad. de J. C. Xavier / 22

Ryszard Krynicki, *A nossa vida cresce*, Trad. de Teresa Bação Fernandez / 23

Zbigniew Herbert, *Carta a Ryszard Krynicki*. Trad. de Carlos Santos Pereira; *A mensagem de senhor Cogito*. Trad. de Teresa Bação Fernandez / 25

Número 2: 1988

Vasco Popa, *Monumento ao oxigênio*. Trad. coletiva. *Viagem, Pão do Poeta*. Trad. de Ana Wojtowicz / 15

Wisława Szymborska, *A mulher de Ló; A memória enfim; Tortura*. Trad. de Ana Cristina César e Grażyna Drabik / 18

Endre Ady, *Os lotos brancos*. Trad. Paulo Rónai e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. *Do Ér ao Oceano, À margem do Tisza*. Trad. Paulo Rónai / 23

Zbigniew Herbert, *Ao rio*. Trad. de Ana Cristina César e Grażyna Drabik / 26

Tomas Venclova, *Justo antes de meio de julho; Berlim Metrô. Hallesches Tor*. Trad. de Yolanda Jordão e Regina Barringer / 27

George Gömöri, *Carta de um império decadente*. Trad. de Maria Cecília Osório / 30

Vladimir Holan, *Ressurreição*. Trad. de Alexander Tómský e Henryk Siewierski / 32

Mestre Clemente e sua esposa. Balada popular da Transilvânia. Trad. de Paulo Rónai / 33

Número 3: 1989.

Adam Zagajewski, *Eliade*. Trad. de José Santiago Naud / 13

Zbigniew Herbert, *Carroça*. Trad. de Fernando Mendes Vianna e Henryk Siewierski / 15

Anna Akhmátova, *Ansiedade*. Trad. de Homero Freitas de Andrade / 17

Mihail Eminescu, *Prece*. Trad. de Victor Buescu e Carlos Queiroz; *À Estrela*. Trad. de Julia Carâp / 19

Blaže Koneski, *O Anjo de Santa Sofia*. Trad. de Aleksandar Jovanović / 21

Ighor Kalynets, *Igreja*. Trad. de Wira Selanski / 22

Voislav Ílitch, *Sobre Belgrado*. Trad. de Aleksandar Jovanović / 23

František Halas, *Vinha silvestre*. Trad. de Aleksandar Jovanović / 24

Anna Kamieńska, *O peso*. Trad. de Fernando Mendes Vianna; *A mentira do Doutor Korczak*. Trad. de Judith Cortesão / 25

Stepán Sapelák, *Guernica de Tchernobyl*. Trad. de Wira Selenski / 28

Número 4: 1990.

Ivar Ivask, *Elegia Báltica*. Trad. de José Santiago Naud e Henryk Siewierski / 11

Czesław Miłosz, *Linhagem*. Trad. de Santiago Naud e Henryk Siewierski . *Anotado de madrugada na Telegraph Avenue*, Trad. de Zygfryd Chmielewski / 12

Mircea Dinescu, *Dança*. Trad. de Julia Carâp / 16

Janka Kupala, “*Se eu tiver ainda forças...*”. Trad. de Aleksandar Jovanović / 17

Aleksander Wat, *Vésperas em Notre- Dame; O Poeta*. Trad. de Zbigniew Wódkowski / 18

Attila József, *Relva Amarela*. Trad. de Aleksandar Jovanović / 20

Vítězslav Nezval, *Conto (narrativa de Manon Lescaut); Estrofes a Praga*. Trad. de Jónas Negalha / 21

Konstantin Biebl, *Javanêsas; Cântico da morte*. Trad. de Jónas Negalha / 24

Tadeusz Różewicz, *No meio da vida*. Trad. de Santiago Naud e Henryk Siewierski / 26

Zbigniew Herbert, *O que será*. Trad. de Aleksandar Jovanović / 28